

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.511

Domingo, 28 de Outubro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaya, 114 e 115

Foi ontem apreendida

A BATALHA

Ainda ignoramos os motivos da apreensão

Será por termos atacado

o ódio?

VIOLENCIA E TORPEZA!

A autoridade amordaça-nos, Berto Ferreira calunia-nos, e a imprensa ataca-nos iniquamente

"A Batalha" apreendida e caluniada!

INICIA-SE HOJE A CONFERENCIA

Metalurgica Inter-sindical

Na sala Algarve, da Sociedade de Geografia vão debater-se problemas de grande interesse

Tivemos ontem o jornal apreendido. Motivo? Naturalmente o termo apreciado o atentado que vitimou o agente Araújo. A apreensão constituiu uma violência — e uma violência estúpida. Como tal, revolta. Mas também enoja. Enoja mais do que revolta. É repugnante porque nesse gesto não se vislumbra raciocínio critério, por mais reaccionário que fosse.

Que era o nosso artigo? Um aplauso contra o atentado? Não. Um artigo sereno, equilibrado, reflectido. Não continha uma única violência de expressão. Propositadamente lhe foram limadas todas as arestas. Não queríamos nele contundir, pretendíamos explicar. E, além de explicar, lamentar.

O nosso artigo era contra o ódio, o ódio que produz as agressões, as agressões que originam as vítimas. Aludíamos à causa para evitar o efeito. Os cobardes, os covardes, os covardes desta sociedade, aqueles que criam esta atmosfera irrespirável e ameaçadora, devido aos ódios que nela tem desencadeado, são os culpados, os principais culpados do que aconteceu.

Nós, que não fizemos, não fazemos nem faremos causa comum com os que criaram este ódio que tem frequentes vezes acarretado consequências homicidas; o ódio que deu a morte ao rei Carlos e ao seu filho; o ódio que matou Sidónio Pais; o ódio que matou alguns políticos no 19 de Outubro, entre os quais o homem que fundou a República; o ódio que tantos resultados trágicos tem acarretado.

Pensem os que incitam ao ódio, os que cultivam o ódio, que o rei Carlos tombou quando as prisões estavam peizadas de republicanos; que foram ainda as prisões em massa, que foram as agressões cruéis a presos que mataram Sidónio Pais, que o morticínio de 19 de Outubro foi ainda originado nessa época de Sidónio Pais em que os presos eram furibundamente espancados; foram ainda as agressões a presos no Governo Civil quem originou a morte do agente Araújo.

Com uma teimosia que o silêncio das autoridades não conseguiu desmanjar, protestamos nestas colunas contra as agressões a presos. Protestamos para que elas acabassem, para que o ódio que elas geravam se extinguísse. O silêncio, silêncio que era cumplicidade, cumplicidade que era aplauso, foi a única resposta que até hoje obtivemos.

Em nome da humanidade, protestamos. Se não fosse em nome da humanidade, porque a não tivessem a seu culto, ao menos em nome da lei, senhores que tem o dever de a cumprir, deviam-nos ter ouvido. Não por termos nós quem protestava, mas porque o

nosso protesto encardido à face das leis burguesas era justo, justíssimo, impunha-se, dominava, jamais o poderiam refutar.

O Rebatte veste roupa, toma, para nos atacar, o lugar que na imprensa portuguesa cabe à católica e infinitamente jesuítica Epoca, dessa Epoca, que ainda há pouco pela pena seclária, estéril, jesuítica, impiedosa de «Nemo» bateu desalmadamente Junqueiro, porque o poeta não morreu tam católico como eles esperavam. E o Rebatte quem vem espalhar mais uma vez o ódio, aumentar a sua sementeira. Acusa-nos de nos termos referido à morte do agente Araújo sem uma linha de comentário. Malfadada acusação! Pois ontem, isto é, no mesmo dia em que nos acusava era o nosso jornal iniquamente apreendido por ter preenchido o seu dever, comentando o atentado. Preso por ter dito — o que nestes casos é acusação do Rebatte — e apreendido por o não ter... Edificante e triste — tudo isto.

Combatemos o ódio. E, são exactamente aqueles que nos acusam de espalhar o ódio quem nos apreende e aqueles que deviam dar combate ao ódio quem esfrega em mãos em delirante aplauso à violência cometida.

Berto Ferreira, o secretário da P. S. E., vem ontem, no Diário de Lisboa com uma carta, que é na essência um descalcinado ataque e na forma, um documento desoladoramente escrito.

Pois a Batalha é apreendida — a P. S. E. está a muitas léguas do local onde se deliberou a apreensão — e Berto Ferreira nesse número que o público não leu, vem ainda por cima promover-lhe uma réplica acintosa e falsa, uma acusação gravíssima e torpe. Assedada e digna maobra! A nós tapam-nos a boca apreendendo-nos o jornal e Berto Ferreira vem para o público fazer histórico alarido, a dar-se ares púlicos e alitivos de vítima. Berto Ferreira, desce à imprensa. Fala-nos num jornal em resposta a outro. Mas se o jornal onde ele se supoz erradamente atacado, foi apreendido e a P. S. E. não pode deixar de ser ou pensamento ou instrumento nessa apreensão, é por ventura leal atacar sem indurir prova.

Um jornal apreendido — fica inédito para o público. Como pode este cotear, verificar se o sr. Berto Ferreira é incoerentemente, tenebrosamente, rocambolescamente, nossa vítima? Não pode. Por isso o sr. Berto não devia fazer o que fez. Não só porque mentiu, como porque a apreensão de per si equivale a uma monstruosa condenação. Monstruosa, visto que é uma condenação

sem provas, sem nenhuma praxe de elemental e aburguezadíssima justiça.

Não sabemos se o sr. Berto Ferreira nos atacou com a convicção que não teria a merecida resposta, contando que nós seríamos novamente amordaçados, isto é, atingidos numa nova e iniqua apreensão.

Os presos por questões sociais que se encontram na cadeia do Limoeiro aludiram a uma bola de ferro apontando-a como instrumento de agressão. Disseram na sua carta, que ela, actualmente servia de pisa-papéis no gabinete do sr. Berto Ferreira. Diz habitante do gabinete que fazendo a Batalha essa afirmação concorria para afirmar que ele concorria para as agressões. Parvíssimo argumento! O que os presos afirmaram é que a referida bola de ferro estava actualmente no gabinete dele. Não disseram que estava lá antes das agressões. Limitavam-se a indicar onde ela estava no momento em que nos endereçaram a sua carta e nada mais.

Se os presos por questões sociais tivessem a opinião de que as agressões não era estranho o sr. Berto e dessa opinião possuíssem factos que lhe permitissem transformá-la em acusação. Te-lo-iam feito ousadamente com desassombro sem recorrer a subtilizações jesuíticas que são o estofamento moral que constitui a essência do ataque do sr. Berto.

Pretende o mesmo já demasiadamente aludido sr. Berto que nós contribuíssemos para os atentados. Se isso fosse verdade, já a redacção de A Batalha estaria toda nos calabouços do governo civil e o sr. Berto esfregaria as mãos radiantes, com um esplendor na face. O último período do nosso artigo de ontem responde abundantemente, triunfantemente à última «bertoadas». Oferecemo-lo aos leitores, que ontem, devido à apreensão não o puderam ler.

«Não bastará este sangrento e trágico exemplo para que se acabe de vez com as agressões a presos, para que se acabe de vez com o ódio, o ódio que assassina, bastante consentido, cultivado, e aplaudido pelos que detêm nas mãos os destinos dos que vivem neste maldito país?»

E ainda a propósito de ódio:

Não fez há tempos a imprensa de todas as cores políticas uma campanha tenaz contra as brutalidades e agressões da polícia? Então, E o Rebatte não disse que havia autênticos criminosos na polícia, que a polícia cometia autênticos crimes? Nesses casos, incutiu. E nós, que fizemos o mesmo somos agora atacados por O Rebatte. Mas, a ocasião parece excelente a O Rebatte e aos outros jornais para nos ferir pelas costas. Por isso a aproveitam...

A marvotica atitude da cavalaria da G. N. R. e a corajosa atitude das mulheres dos mineiros

NOTAS & COMENTARIOS

O Old England contra a Polónia

Publicou há dias A Batalha uma nota da Comissão Administrativa do Sindicato dos alfaiates na qual se afirmava dedicar-se a firma Old England à especialidade de explorar operários de nacionalidade alemã. Vinte e quatro horas depois aparecia um rapaz polaco na nossa redacção a dizer-nos — pela boca duma criatura que o acompanhava e lhe servia de intérprete — que além de não ser ele o autor da nota, não tinha razões para se queixar da firma. E as suas declarações deviam ser postas em letra redonda neste jornal para que o patrão o não acusasse pelo que a Comissão Administrativa do sindicato dos alfaiates tinha dito.

Acachamos disparatada a acusação que achámos lhe movia, visto o rapaz não nos conhecer nem falar o nosso idioma nem o da comissão do sindicato, que é também o nosso.

Ontem surge-nos novamente o rapaz, mas já com outro intérprete, a insistir para que dissessemos não ser ele o autor da local.

Em atenção ao rapaz e não ao patrão diremos, em letra redonda, que o subdito polaco Feiler, absolutamente ignorante da lingua portuguesa, não se queixou contra o Old England em polaco, português ou outro qualquer idioma, inclusive o espanhol.

Agora a confusão dum polaco com a Comissão Administrativa do sindicato é tam disparatada que chega a causar riso. O mesmo Feiler, garantiu-nos, pela boca do seu amável intérprete, que até ganha a quantia de 90 escudos por semana.

Fica arquivado e fica entendido por todos, menos por ele que não percebe o que lhe dissemos nem perceberá, pela certa, o que hoje escrevemos.

Em que apuros o rico Old England lançou o pobre polaco...

Lógica burguesa

O «Diário de Notícias», na reportagem da morte do agente Araújo, diz que o Rei Onório era jovem sindicalista visto ter em tempo farto uma balança. Não devem os jovens sindicalistas sentir-se molestados com a estúpida classificação, visto ela ir recair directamente sobre quem a lançou.

A simpatia do «Diário de Notícias» pela Monarquia custa a ruína dos estômagos e das bolsas dos consumidores.

E por isso que o dr. sr. Augusto de Castro é conservador.

Se o dr. Augusto de Castro ouvisse tam bem a verdade como ouve o dinheiro, por certo nos compreenderia...

Que pena o dinheiro poder mais que a independência!

C. G. T.

Conselho Confederal

Por motivos imperiosos, a sessão que estava marcada para a próxima terça-feira, realiza-se amanhã, segunda-feira, devendo principiar às 20 horas.

E' de inteira necessidade a comparência de todos os delegados.

Os grevistas de São Pedro da Cova

Condenados à fome pelas autoridades

PORTO, 26.—Decididamente, o local de São Pedro da Cova está furiosamente arriado. Quer dizer: quem supereintende no mando da chefia do distrito deu-lhe na real gana de se arvorar em ridiculo D. Rivera de papelão e subjugou, com toda a rabia em el corazón, aquele triste lugar mencionado.

Pelo menos é o que se desprende duma conversa havida entre o administrador de Gondomar e alguém. O golpe de estado, o audacioso atentado vibrado na Constituição, que permite todos os abusos de autoridade excessiva, partiu do velho casarão à Balanque. Lá é que habilitaram a polícia de segurança para cometer toda a casta de tropelias, operando a seu livre alvedrio e consoante os seus instintos...

O administrador de nada soube, nessa violenta e quixotesca cartada está inocente, não concordando mesmo com tal ríspida e atabalhoada arbitrariedade.

Falta saber se aquilo foi dito de ânimo leve, à guisa de *apanha moscas*, ou se obedeceu a este esporádico factor: — uma hora de sinceridade... E' que nos custa acreditar que as autoridades se desmintam e se condenem, sabido como está de que antes do espectáculo elas tem o ensaio geral.

Mas que o administrador dissera o que fica dito, lá isso é verdade. Não tanto, as violências prosseguem, conquanto ontem o dia decorresse menos perigoso do que o antecedente. Não bastaram os assaltos às casas, as insolentes buscas domiciliárias, os insultos e enxovalhos oferecidos, o encerramento da Associação dos Mineiros e do quintaleto onde funcionava a cozinha comunista, o selamento dos depósitos dos estabelecimentos que forneciam gêneros, mediante pagamento, porque não eram de graça, para a referida cozinha... Não bastou mesmo as prisões arbitrárias... Tinha ficado um *raio de forra*. Era necessário *metê-lo para dentro*.

A feroz autoridade da segurança... de interesses individuais dos que roubam a nação e o público, foi-se à padaria do *Poucochinho* e vociferou trovõescentes.

—Você ouviu? Fica expressamente proibido de vender um grama de pão que seja aos grevistas... ou sua família... Se desobedece a esta imperante, ditatorial e deembrista ordem, a padaria será imediatamente lacrada, à semelhança dos outros estabelecimentos...

E' a decretação, pura e simples, da fome... E' o abuso, o atrevimento, a insolência, a infâmia, elevadas ao último grau... em nome duma república de galopins de toda a ordem, em nada superior — talvez inferior — à monarquia dos casagais de todo o jaez... Que, a falar sinceramente, ninguém deve virar-se contra os erros da República, por que ela há muito foi estrangulada pelos peralvilhos que assaltaram subrepticiamente, as cadeiras do poder...

Já que acima falámos nos presos, será bom não deixar no tinteio estes interessantes detalhes, que magnificamente descobrem a existência dum plano preestabelecido de violências para que a greve dos mineiros sossobre a contento do Severiano e do tal Gonçalves de Oliveira.

Depois da policia ter lançado os harpões aos sete mineiros que actualmente se encontram no Aljube, levou-os para o lado das minas. Ali foi-lhes imposta

a obrigação de trabalharem. Se eles cumprissem esta vontade «soberana» do Severiano e do Torcato, eles ficariam em liberdade — embora, quanto a nós, ficassem, por assim dizer, enclausurados nas descavalgadas minas... Caso contrário, iriam, sob prisão, a pé, para as repúblicas bastilhas da cidade do Porto.

Firmemente, dignamente, altivamente, recusaram-se à traição, preferindo antes sofrer todas as sevícias e vilanias das autoridades...

Cumpriram-se os fados prescritos no «livro do destino» que o «comploço» da Companhia e do governo civil gravemente abriu... Os homens foram para as grades da prisão verde-rubra, debotada em azul e branco... como temíveis agitadores e para averiguações acerca dos últimos atentados dinamitantes havidos em São Pedro da Cova...

O que nos admira é que estando as minas argumentamente vigiadas pela guarda republicana, é que estando São Pedro da Cova cuidadosamente espionada, os grevistas pudessem «bombardear» as minas, e a imprensa, que tam solidamente é noticiar estes casos de explorações... subversivas tam silenciosamente estado... Mais nos admira ainda que só a acção policial se fizesse sentir desde que o dedo da patrão se agitou e os seus automóveis foram em romaria veranear as excelsas encostas da potentosa Companhia severianica das minas...

O mais engraçado, porém, é este facto bem elucidativo de toda a questão: se os sete presos quizessem trabalhar, ficavam em liberdade e nada tinham, pois, que ver com as *bombas* — estava libada toda a sua responsabilidade, eram cidadãos pacíficos e honestos, inimigos da desordem... e *muchas cosas más*... Como, porém, isto se presta a tão degradante papel, atraicção do seu camaradas, *agarrar que é la drôla*! Isto é agora já, são agitadores e possíveis cúmplices dos atentados misteriosos...? Percebem?

De como foi feita a condução dos aludidos sete presos, também é curioso relatar. Do sítio do posto onde está a força ali fora da considerada zona perigosa pelas autoridades, que diz: até à administração de Gondomar, cada preso lá no meio de quatro praças de infantaria, com as respectivas espingardas modernas a postos...

Independientemente disto, não fosse o diabo ser tendeiro e os presos multiplicarem-se em Sansão, a cavalaria ladearia-os com nímia vigilância... Faltava encadeados pelos tornozelos, à guisa de *cadeia viva* adoptada pelo czarismo...

Depois... vieram só com a cavalaria, de facalhões em riste, porque as espadas são enormes facas, tão repugnantes como as pequenas navalhas...

A estrada, saíram magotes de mulheres, que saltaram vivas à greve e manifestaram-se hostilmente contra as autoridades draconianas. Então, dois valentes pretorianos, desatrelando-se da leva... quasi da morte, ameaçavam as mulheres, primeiro que as liquidavam a fogo, depois que as levavam igualmente de baixo de prisão. Mas como, afinal, elas não se intimidaram, redobrando nas suas manifestações de protesto, não arredando pé, para que as fuzilassem, não arredando pé, para que as prendessem, os dois cavalarias da guarda real acabaram por bem juntar-se

à coluna dos *hussards*, porque a coisa estava a tomar vulto e não podiam meter-se em desordem por motivo dos presos, que podiam aproveitar-se da confusão...

A greve, pois, prossegue, e as violências também. O que é facto sintomático, reparado por todo o público que não vive explorando nem é associado às manigancas das grandes empresas industriais e comerciais, é o caso da imortalidade dos mineiros...

Quando os fados prescritos no «livro do destino» que o «comploço» da Companhia e do governo civil gravemente abriu... Os homens foram para as grades da prisão verde-rubra, debotada em azul e branco... como temíveis agitadores e para averiguações acerca dos últimos atentados dinamitantes havidos em São Pedro da Cova...

O que nos admira é que estando as minas argumentamente vigiadas pela guarda republicana, é que estando São Pedro da Cova cuidadosamente espionada, os grevistas pudessem «bombardear» as minas, e a imprensa, que tam solidamente é noticiar estes casos de explorações... subversivas tam silenciosamente estado... Mais nos admira ainda que só a acção policial se fizesse sentir desde que o dedo da patrão se agitou e os seus automóveis foram em romaria veranear as excelsas encostas da potentosa Companhia severianica das minas...

O mais engraçado, porém, é este facto bem elucidativo de toda a questão: se os sete presos quizessem trabalhar, ficavam em liberdade e nada tinham, pois, que ver com as *bombas* — estava libada toda a sua responsabilidade, eram cidadãos pacíficos e honestos, inimigos da desordem... e *muchas cosas más*... Como, porém, isto se presta a tão degradante papel, atraicção do seu camaradas, *agarrar que é la drôla*! Isto é agora já, são agitadores e possíveis cúmplices dos atentados misteriosos...? Percebem?

De como foi feita a condução dos aludidos sete presos, também é curioso relatar. Do sítio do posto onde está a força ali fora da considerada zona perigosa pelas autoridades, que diz: até à administração de Gondomar, cada preso lá no meio de quatro praças de infantaria, com as respectivas espingardas modernas a postos...

Independientemente disto, não fosse o diabo ser tendeiro e os presos multiplicarem-se em Sansão, a cavalaria ladearia-os com nímia vigilância... Faltava encadeados pelos tornozelos, à guisa de *cadeia viva* adoptada pelo czarismo...

Depois... vieram só com a cavalaria, de facalhões em riste, porque as espadas são enormes facas, tão repugnantes como as pequenas navalhas...

A estrada, saíram magotes de mulheres, que saltaram vivas à greve e manifestaram-se hostilmente contra as autoridades draconianas. Então, dois valentes pretorianos, desatrelando-se da leva... quasi da morte, ameaçavam as mulheres, primeiro que as liquidavam a fogo, depois que as levavam igualmente de baixo de prisão. Mas como, afinal, elas não se intimidaram, redobrando nas suas manifestações de protesto, não arredando pé, para que as fuzilassem, não arredando pé, para que as prendessem, os dois cavalarias da guarda real acabaram por bem juntar-se

à coluna dos *hussards*, porque a coisa estava a tomar vulto e não podiam meter-se em desordem por motivo dos presos, que podiam aproveitar-se da confusão...

A greve, pois, prossegue, e as violências também. O que é facto sintomático, reparado por todo o público que não vive explorando nem é associado às manigancas das grandes empresas industriais e comerciais, é o caso da imortalidade dos mineiros...

Quando os fados prescritos no «livro do destino» que o «comploço» da Companhia e do governo civil gravemente abriu... Os homens foram para as grades da prisão verde-rubra, debotada em azul e branco... como temíveis agitadores e para averiguações acerca dos últimos atentados dinamitantes havidos em São Pedro da Cova...

O que nos admira é que estando as minas argumentamente vigiadas pela guarda republicana, é que estando São Pedro da Cova cuidadosamente espionada, os grevistas pudessem «bombardear» as minas, e a imprensa, que tam solidamente é noticiar estes casos de explorações... subversivas tam silenciosamente estado... Mais nos admira ainda que só a acção policial se fizesse sentir desde que o dedo da patrão se agitou e os seus automóveis foram em romaria veranear as excelsas encostas da potentosa Companhia severianica das minas...

O mais engraçado, porém, é este facto bem elucidativo de toda a questão: se os sete presos quizessem trabalhar, ficavam em liberdade e nada tinham, pois, que ver com as *bombas* — estava libada toda a sua responsabilidade, eram cidadãos pacíficos e honestos, inimigos da desordem... e *muchas cosas más*... Como, porém, isto se presta a tão degradante papel, atraicção do seu camaradas, *agarrar que é la drôla*! Isto é agora já, são agitadores e possíveis cúmplices dos atentados misteriosos...? Percebem?

De como foi feita a condução dos aludidos sete presos, também é curioso relatar. Do sítio do posto onde está a força ali fora da considerada zona perigosa pelas autoridades, que diz: até à administração de Gondomar, cada preso lá no meio de quatro praças de infantaria, com as respectivas espingardas modernas a postos...

Independientemente disto, não fosse o diabo ser tendeiro e os presos multiplicarem-se em Sansão, a cavalaria ladearia-os com nímia vigilância... Faltava encadeados pelos tornozelos, à guisa de *cadeia viva* adoptada pelo czarismo...

Depois... vieram só com a cavalaria, de facalhões em riste, porque as espadas são enormes facas, tão repugnantes como as pequenas navalhas...

A estrada, saíram magotes de mulheres, que saltaram vivas à greve e manifestaram-se hostilmente contra as autoridades draconianas. Então, dois valentes pretorianos, desatrelando-se da leva... quasi da morte, ameaçavam as mulheres, primeiro que as liquidavam a fogo, depois que as levavam igualmente de baixo de prisão. Mas como, afinal, elas não se intimidaram, redobrando nas suas manifestações de protesto, não arredando pé, para que as fuzilassem, não arredando pé, para que as prendessem, os dois cavalarias da guarda real acabaram por bem juntar-se

à coluna dos *hussards*, porque a coisa estava a tomar vulto e não podiam meter-se em desordem por motivo dos presos, que podiam aproveitar-se da confusão...

A U. S. O., por intermédio de um comité de agitação pró-greve dos mineiros e contra as prepotências das autoridades conluídas com a Companhia, tem editado manifestos enérgicos, os quais tem sido profusamente distribuídos pelas oficinas e fábricas, colocando o operariado ao corrente dos acontecimentos e despertando-o para uma acção mais enérgica...

Desbrava-se terreno para uma possível greve, das outras profissões, de solidariedade dos mineiros...

Quando a estes, apesar de continuarem a monte, conservam-se num estado moral excelente, cheios de entusiasmo. As mulheres, por seu turno, animam-nos, e evidenciam uma decisão de sacrifício admirável. Heróica gentel...

A junta de freguesia do Bonfim, na sua última reunião de terça-feira, ocupou-se da greve dos mineiros e teve palavras de justiça para aqueles humildes explorados. Propôs-se também convidar as outras juntas para uma reunião conjunta, a fim de se ver se conseguem uma aproximação entre as partes litigantes e solucionar o conflito...

A greve vai interessando toda a gente que não tenha *rascas na assadura*. No entanto, todas as *démarches* estão suspensas até que a Associação dos Mineiros seja reaberta, bem como a cozinha comunista...

Mais uma tremenda e inadmissível violência que representa um verdadeiro insulto aos ferroviários da mesma companhia que sabem muito bem qual o objectivo da empresa que continuam a ser explorados, visto que pretendem atingir a organização representada...

A Companhia Portuguesa, que não quer atender as justas reclamações do pessoal, ainda por cima o provoca com atitudes destas, julgando poder assim destruir o organismo que tem enfrentado todas as mais difíceis contingências criadas pelo rancor, ódio e maldade da mesma...

A dignidade da classe não pode consentir por mais tempo tanta desconsideração e tirania e irá pronunciar-se sobre a questão...

Esta comissão levanta desde já a seu mais enérgico protesto contra mais esta afronta, visto que esta demissão simplesmente se baseia na conduta enérgica e decidida tomada pelo camarada atingido na defesa da classe...

Outras perseguições se estão forjando para satisfação dos despóticas que superintendem na Companhia Portuguesa. Vai ser editado um manifesto...

A Comissão Executiva Central.

CONVOCAÇÃO

São convocadas a reunir amanhã, pelas 21 horas, as comissões Administrativas de Melhoramentos, Pro Csi e Pro Presos, a fim de apreciarem devidamente as perseguições que a Companhia está fazendo aos elementos do sindicato. As Comissões Executivas das Delegações deverão reunir também imediatamente para o mesmo fim.

Inicia-se hoje, às 12 horas, conforme notificámos, na sala Algarve, da Sociedade de Geografia, a Conferência Metalúrgica Inter-Sindical.

O significado desta reunião proletária, merece ser, esclarecido. Numa época tam convulsiona como esta que atravessamos, época que gerando um mal estar profundo, é por isso mesmo a anunciadora dum futuro de profunda renovação social, o proletariado deve, para não ser surpreendido, sem armas nem orientação preparar a sua organização a fim de enfrentar vitoriosamente os acontecimentos.

A organização sindical não pode nem deve cristalizar em formas rígidas e imutáveis. Deve e tem de modificar-se sempre que as circunstâncias o aconselhem, principalmente quando o chamado saber de experiências feito o determinem. Modernizar a organização operária é uma virtude desde que a sua modernização corresponda aos objectivos fundamentais do sindicalismo revolucionário, isto é, à luta contra o patrão e o Estado, até à extinção dessas duas entidades que consubstanciam a exploração e a tirania.

Ora, a Conferência Metalúrgica Inter-Sindical, vai discutir, e certamente o fará com o seu critério e admirável elevação, a criação duma estrutura de organização. Essa nova estrutura deve: certamente ter surgido da experiência revolucionária realizada em anos consecutivos, em consecutivos movimentos reivindicatórios por vezes, brilhantes e vitoriosos.

Além duma nova estrutura sindical, outros grandes e importantes assuntos deverão merecer a atenção da assembleia que, será por assim dizer, o reflexo da vontade do proletariado metalúrgico. Um deles basear-se há na atitude que essa classe deverá assumir para eficazmente lutar contra o conluio existente entre as correntes capitalistas que predominam na indústria e no comércio. Esse conluio, como facilmente se deprende visto os seus efeitos serem colididamente perceptíveis, baseia-se na consolidação da exploração das classes produtoras.

Para se ingressar na Sociedade de Geografia é necessário apresentação de cartões de convite que são hoje distribuídos da sede do Sindicato Unico Metalúrgico das 10 às 11.30 horas. Desta hora até às 13 horas podem ser adquiridos à porta da Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo em atenção a gravidade do momento, convida todos os metalúrgicos de Almada a assistir à conferência que hoje se realiza em Lisboa, na Sociedade de Geografia.

Sindicato Unico Metalúrgico de Almada

A Comissão Administrativa, tendo

TEATRO NACIONAL

Inauguração
da época

Três de Novembro

com a notável
peça
Alcázar - Kibirdo imortal poeta e dramaturgo
D. João da Câmara

POR ESSE MUNDO

EGIPTO

Roubo de antiguidades

CAIRO, 27.—Tendo aparecido ultimamente no mercado desta cidade grande quantidade de antiguidades e preciosidades egípcias, as autoridades desconfiaram de que se tratasse de algum roubo importante. Iniciadas as pesquisas, as autoridades descobriram que alguns habitantes de uma província do Egito haviam encontrado um túmulo, presumivelmente de um faraó, o qual abriram e saquearam, tendo-se anoderado de todo o ouro, prata e preciosidades que ele continha. As suspeitas das autoridades recaíram sobre um certo número de indivíduos, os quais acabam de ser presos.

FRANÇA

Um assassinato singular

PARIS, 27.—Dizem de Vewey que foi ali detida uma mulher acusada de ter assassinado a mãe. Interrogada pelas autoridades, declarou que tinha cometido o crime em virtude do muito amor que tinha a sua mãe, pois esta constantemente lhe pedia que a matasse afim de pôr termo aos seus sofrimentos incuráveis.

ALEMANHA

Uma Internacional de cantores?

LONDRES, 25.—O dr. Alfred Gutman, da Liga dos Cantores Alemães, sugeriu a ideia da fundação de uma Internacional dos cantores, que teria por fim o estreitamento das relações entre os povos, que a guerra veio prejudicar. Essa Internacional teria a sua sede principal, um jornal, sessões, conferências e intercâmbio de coros.

Há um ano, uma sociedade coral inglesa visitou a Alemanha, cantando velhos madrigais com grande perfeição de técnica. Desde então, uma companhia de estudantes musicais de Oxford e de Cambridge, visitaram a Alemanha com o duplo fim de reconciliação nacional e ressurgimento das velhas danças e músicas populares.

A Alemanha por sua vez aproveitou a ida desses estudantes para lhes mostrar velhos documentos, pinturas, vitrais, etc.

Se se forma a Internacional dos Cantores, terá reservado, pelo que se observou, um grande trabalho de estreitamento de relações de amizade entre os povos.

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIAL DO COMITÉ

Camaradas.—Passados são 19 dias em que até à data os armadores tivessem mostrado boa vontade em resolver o conflito para que nos impeliram.

Diz-se até que provavelmente o governo intervirá, [dados os enormes prejuízos que está causando ao país] este movimento que nasceu do lock-out dos Armadores.

Não ponham dúvidas em que este conflito por qualquer entidade tem de ser resolvido.

Quem que os Armadores se convencerem, enfim, que dos marítimos, (este o custo), não conseguem aprovação do aborço a que chamam Regulamento, e então nos chamem para conhecê-lo tratarmos, pois a não ser assim, o nosso movimento manter-se há tantos meses quantos sejam precisos, ou que o Governo, ao intervir, faça a justiça que fez a quando da questão da pesca, que também foi uma greve preparada pelos Armadores.

A resposta dos marítimos ao Governo e aos Armadores é só esta:

Senhores! Ao vêrmos, que, com os oito escudos e sessenta centavos que ganhávamos no mar, não podíamos enfrentar a carestia que se agrava de momento a momento, pedimos de aumento de salário 150 escudos.

Como resposta, passados 2 meses atiraram-nos com um Regulamento que foi repudiado pelas nossas classes. Os Armadores, que se arrojam a publicar contrários nos seus jornais, disseram-nos então:—Já que não aprovam o Regulamento, não é preciso discutilo, e levantando-se como quem nos convidava a sair, ajuntaram:

—Se o Regulamento fosse aprovado de certo poderíamos aumentá-lo.

Foi quando se deliberou abandonar os navios, não todos, porque de alguns já os Armadores tinham despedido as tripulações.

Já transigimos de 150 para 100 escudos, que querem mais, srs. Armadores? Que querem mais, srs. do Governo?

Matar-nos, espinhar-nos, roubar-nos mais ainda?

Os marítimos, que sempre foram pacíficos e cordatos, hoje sentem-se justificados revoltados ante a vilania com que foram desatendidas as suas

BULGÁRIA

Rescaldo da revolta comunista

LONDRES, 25.—A maioria dos comunistas búlgaros presos em Sofia e nas províncias, depois da recente revolta, acusados de sedição, foram postos em liberdade, excepto os que são tidos como dirigentes.

Um número de deputados e membros do Conselho Central do Partido Comunista, que foram presos em Sofia, breve vão ser postos em liberdade.

Muitas famílias búlgaras, vindas de Kirkilissa e outras partes da Trácia Oriental, estão chegando à fronteira procurando refugiar-se no território búlgaro. Este exodo é devido às perseguições pelos bandos formados por albaneses e bosníanos, que recentemente se estabeleceram na Trácia Oriental e contra quem as autoridades turcas estão tomando medidas.

A situação dos habitantes gregos do distrito é ainda pior que a dos búlgaros, estando também a emigrar em grande número.

INGLATERRA

Continua a "paz" armada, com o lançamento de bombas burguesas

LONDRES, 25.—Samuel Avere, secretário da aviação, falando em Colchester, falou da criação das forças aéreas para defesa do país, que serão compostas de 52 esquadrões de aviões, "teremos", disse ele, "três espécies de esquadrões". E descreveu:

1.º—Os esquadrões regulares e bem treinados para o difícil trabalho de combate.

2.º e 3.º—Esquadrões especiais de reserva: auxiliares para lançamento de bombas.

Os esquadrões de reserva serão mantidos com aproximadamente um terço do pessoal regular e dois terços em reserva, reserva que será obtida por alistamento de artistas classificados, por certos períodos de exercício no mais próximo campo de onde eles vivam.

Os esquadrões auxiliares serão mantidos e organizados em bases um tanto semelhantes às do exército territorial sendo cada esquadrão provido com um pequeno núcleo de pessoal regular para fins administrativos e de instrução. As unidades estarão ligadas aos grandes centros industriais.

Para conservar e manter esta força de aviação contam fazer, pelo menos, 25 por cento do trabalho com o pessoal civil que deverá ser contratado.

reclamações, depois de tam ordemam-se as formularem.

São estes os fortes motivos que levaram os Marítimos de Longo Curso à greve e é por esses fortes motivos que os marítimos lutarão o tempo que for necessário para que as suas reclamações sejam atendidas.

Camaradas.—Não esmoreceis perante a irreducibilidade dos Armadores, que com o decorrer dos meses a vitória coroará os vossos sacrifícios.

Confiai no vosso Comité, assim como nas notícias que A Batalha publica.

Viva a C. G. T.!

Viva a Organização operária!

Viva a F. M.!

O Comité

NOTA OFICIAL DA COMISSÃO DE DEMARCHEs

Camaradas.—Esta Comissão realizou ontem "demarques" a bordo de vários navios que se encontram descarregando para se definir a situação das respectivas tripulações, tomando as mesmas o compromisso de aguardarem e acatarem as resoluções do Comité.

Já ontem foi abandonado o vapor "Beira", da Companhia Nacional de Navegação, por ter concluído o serviço de descarga.

Mais uma vez se previne que, nos navios em que por ventura uma parte dos tripulantes seja suspensa, os restantes devem solidarizar-se com aqueles camaradas, desembarcando imediatamente.

A Comissão de Demarques

QUEM QUER

vestir bem e barato confronta os

preços do

Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas

ao consumidor esplendidas fazendas de

de lá para fatos e vestidos.

Lis em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 205, 1.º an-

trada, entrada Loja da América.

EDEN-TEATRO

Telefone 3800 N.
Epoca de Outono de 1923
Empresa Teatral
Campos & Correia, L.da

Companhia Portuguesa de Opereta e Revista

de que fazem parte
Elisa Santos, Julieta Rodrigues, Justina de Magalhães, Maria de Lourdes Cabral, Ema de Oliveira, Henrique Alves, Joaquim Prata e Alfredo Henriques.Director artistico
Henrique AlvesDirector da orquestra
Alves Coelho

HOJE—A's 9,15—HOJE

da noite

Grandioso sucesso

A representação da célebre opereta portuguesa, em 3 actos, original de Eduardo Schwalbach Lucel música do maestro Filipe Duarte

O CHICO DAS PEGAS

em que pela primeira vez

o popular actor

ANTÓNIO GOMES

(da Trindade)

desempenha o engraçado papel

de O SALMONETE

que com a brilhante interpretação

de todo o elenco desta

companhia constitui

O maior sucesso teatral

dos últimos tempos

Neste teatro não há aumentos

de preços nem percentagem

de locação

Em ensaios para a época de inverno

O Boneco de Sabugo

reúne em 2 actos, por sessão,

original de Eduardo Schwalbach

Lucel, música dos maestros Tama

Del-Negro e Alves Coelho

AMANHÃ—2.ª feira, 29—AMANHÃ

Récita de autor

Dedicada pela Empresa Cam-

pos & Correia L.da a

Eduardo Schwalbach Lucel

VIDA SINDICAL

U. S. O.

A Comissão Administrativa, na sua

reunião de ontem, apreciando a ignóbil

perseguição movida à Batalha, resolveu

trabalhar na acta o seu protesto, e exor-
tar o operariado a pôr-se de sobreaviso

ante o que na sombra se trama contra

a organização operária.

COMUNICAÇÕES

Ferroviários da C. P.—Sob a pre-

sidência de José Júlio Ferreira, secreta-

riado por Carlos Benta e Rafael Osó-

rio, realizou-se no dia 24 do corrente a

assembleia geral para apreciação do re-

latório e contas dos dois últimos tri-

mestres, situação financeira do Sindicato,

preenchimento de cargos vagos e a

Comissão de Melhoramentos dar conta

das demarches ultimamente efectuadas.

Antes da ordem dos trabalhos, pro-

testou-se energeticamente contra a prisão

de Mário Castelhano, tendo a assem-

bleia patetizado toda a sua solidariedade

e aprovado uma moção neste senti-

do, enviando telegramas ao Conselho

de Administração e governador civil.

O secretário geral do Sindicato de-

monstrou claramente à assembleia a ne-

cessidade do desenvolvimento do Sindi-

cato, sendo para isso necessário o au-

mento da respectiva quota, visto a

actual ser insuficiente.

Leu o trabalho apresentado à confe-

rência inter-sindical realizada há me-

ses, pelo qual prova a razão que existe

para a elevação da quota. Sobre este

ponto falaram vários ferroviários, tendo

por último sido aprovada uma moção

elevando a quota a 250 mensais.

Fez-se a leitura dos relatórios tendo

sido nomeadas as respectivas comissões

revisoras de contas, referentes aos citados

trimestres.

Foram eleitos para os cargos vagos

Lourenço Madeira e João António Co-

tilho.

A assembleia expulso, por unanimi-

dade, de sócio pela forma indigna com

tem procedido, calunhando vários mem-

bros que exercem cargos no sindicato

depondo falsamente no inquérito que

a Companhia está efectuando, inven-

tando e sofismando, tudo, demonstran-

do falta de carácter, o guarda Ismael

Garcia, das oficinas gerais.

CONVOCAÇÕES

Condutores de Carroças.—Para

tratar da sua reorganização sindical,

reúne hoje a classe em assembleia

magna, pelas 14 horas, na calçada do

Combro, 38-A, 2.º. Assistem à reunião

delegados da U. S. O.

Operários alfaiates.—Reúne na

terça-feira a assembleia geral com a

seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciar

os "demarques" junto dos contra-me-

stres para a fusão dos dois sindicatos; 2.º

apreciar as reclamações a enviar aos

industriais.

Dada a importância destes dois as-

suntos lembra-se à classe a necessidade

da sua participação, sem a qual não há

possibilidade deste sindicato correspon-

der aos desejos daqueles que o criticam

pela sua apatia.

Lavadores e Limpadores de

Trens, Automóveis e Correlati-

vas.—Para continuação de trabalhos

são convocados a reunir hoje, pelas 15

horas, todos os componentes da classe,

associados ou não.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRATANO

COVILHÃ

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE PRIMEIRA E GRANDIOSA MATINÉE
A's 14,30 horas
A's 21 horas, 2.ª REPRESENTAÇÃO DA
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
que ontem, na sua estreia, obteve um sucesso colossal

Teatro Apolo

Tel. N. 4129

HOJE: GRANDIOSO EXITO

dos 5 NUMEROS NOVOS

A Baiana e o Calipso

A Minho e o Minho

A cega-rega dos 500 contos

O Fado do Detective

e o Fox-trot das Sapeiras

ampliando a revista

O PE' DE MEIA

desempenhada pela

Companhia Otelo de Carvalho

A desagregação da Alemanha

Nacionalismo?

Separatismo?

Revolução Social?

Três aspirações que se en-

trechoam no actual momento

Henri Barbusse, foi chamado ao juiz

de Senlis para um primeiro interroga-

tório. Não tardará a formação do seu

processo e talvez a sua prisão. A Asso-

ciação dos Antigos Combatentes a que

ele preside, vai ser dissolvida pelo go-

verno francês. Essa decisão é além dum

violência, uma provocação inaudita.

Como responderão a ela os homens que

foram à guerra convencidos que se

iriam bater pelo Direito e pela Justiça

e que agora vão ser perseguidos pela

injustiça dum aventureiro que tem no

crime monstruoso da guerra as maiores

culpas?

A situação na Alemanha ainda não

diminuiu de gravidade. Tudo continua

com os mesmos sintomas alarmantes. O

separatismo alastra, ganha terreno na

Renânia sob a protecção de Poincaré

e das baionetas francesas. O nacionalis-

mo, surgido em consequência do des-

membramento da Alemanha, e da ocu-

pação do Ruhr e do separatismo rena-

no, isto é em consequência da política

de Poincaré continua ululando.

Na Saxónia o governo socialista-co-

munista mantém-se apesar de Stres-

man desejar ardentemente o seu an-

iquilamento.

A miséria aumenta cotidianamente. As

condições do proletariado alemão não

são alitivas, são trágicas. O povo na

Alemanha sofre indiscutíveis privações.

Tudo este desespero anuncia para breve

uma revolução. E se, de der, cairão

na Alemanha as instituições e sistemas

que oprimem e exploram os que tra-

balham.

Colbertz nas mãos dos se-

paratistas

COLÓNIA, 27.—Na noite de quinta

para sexta-feira, 1.800 republicanos ar-

mados, sob a direcção pessoal do pre-

sidente provisório sr. Mathos, atacaram

Colbertz, que tomaram antes de os ha-

bitantes terem tempo de preparar a re-

sistência. Em menos de trinta minutos,

a cidade caiu em poder dos separatistas.

Umaderrota dos comunistas?

BERLIM, 27.—Os comunistas fizeram

uma tentativa para entrarem em Berlim

e apoderarem-se, depois, do governo,

mas a policia conseguiu rechaça-los de-

pois de breve luta.

Proclama-se a república.

COLÓNIA, 27.—A república renana

foi proclamada em Kreutznach. Reina a

maior tranquilidade em toda a zona

ocupada.

A greve marítima

Pulverizam-se as caluniosas declarações dum anónimo que pretende ludibriar o público

Sempre que qualquer classe trabalhadora exterioriza o seu protesto — impedi-la pela força das circunstâncias — logo a imprensa burguesa põe as suas colunas ao dispor de alguém que só tem o fim de caluniar tudo e todos para fazer prevalecer fins inconscientes.

Diz a Pátria: «Ouçamos, pois. Ouçamos e registemos, sem perguntas desnecessárias, porque o nosso interlocutor conhece a matéria de sobejo, o meio de bordo, o que se faz cá dentro e o que se pratica lá fora».

Acima de tudo sabe mentir descaradamente, e é cobarde porque nem o seu nome mostra, o que nem resposta merecia de nossa parte. Mas como defendemos a verdade, não queremos que esse alguém ludibriar a opinião pública, para conseguir os seus fins. Passamos a antepor a verdade à mentira.

Os comandantes dos dirigidos das associações — mas sim perante a evolução dos tempos, a que muitos não querem obedecer.

Os marítimos não estão nem nunca estiveram comprometendo a economia do país, nem embaraçando o trabalho nacional.

Se desde há anos as greves das classes marítimas são periódicas, não é como afirma esse alguém — pelas substituições dos corpos gerentes das suas associações, mas sim, pelo aumento constante de tudo que é necessário à vida e pela desumana opressão exercida por aqueles de que esse alguém deve fazer parte.

Os armadores nunca transigiram a ponto de que os navios portugueses navegassem com tripulações exageradas, pois que quando essas criaturas que hoje se dizem armadores tomaram conta desses navios, já eles traziam igual número de tripulantes. E ainda que assim não fosse não podem os armadores comparar os navios portugueses com os navios estrangeiros, pois que o trabalho de uns é muito diferente de outros. Tz-que é feito em terra nos portos não é preciso ninguém a bordo, tem o seu trabalho apenas para tomar conta do navio, os estivadores tomam conta da carga sem ser preciso fiéis de porão; os pintores tomam conta da pintura, etc., etc.

(E bom é dizer que o marinheiro inglês ganha mais do que um comandante português).

Não sucede nos navios portugueses, em que os tripulantes são empregados na segurança e conservação do navio, na estiva nos portos de África, etc.

Quem estas linhas escreve, apesar de não ser muito velho, na idade — ipso facto — na arte — muitas vezes tem juntado o almoço com a ceia, trabalhando das 5 da manhã até à meia noite, nos navios portugueses, o que não faz sentido havendo excesso de pessoal — como alguém afirma — e não haja excesso de despesa.

Se o navio inglês gasta menos em soldadas e alimentação que um português — como afirma esse alguém — noutras coisas gastará mais que os portugueses não gastam, visto os tripulantes fazerem tudo a bordo, com que os armadores muito economizam.

Afirma esse alguém: que o regime de trabalho a bordo é ruinoso e imoral e as regalias colocam os marinheiros mercantes numa situação única entre o proletariado nacional.

Haverá algum proletário que ganhe \$530 diários, trabalhando 11 horas por dia, e muitas das vezes trabalhando 3 meses — o tempo de uma viagem — e estando 4 e 5 meses à espera de trabalho?

No regime actual de trabalho, diz o alguém que o marinheiro faz apenas 4 horas de leme em cada 24 horas.

Quanto às restantes que ele anda trabalhando no serviço do navio não se contém?

É mentir demasiadamente, senhor alguém.

Quantas horas fazem por dia aqueles que, ganhando o dobro de nós com outra coisa se não preocupam que não seja andarem a fazer a corte às passadeiras?

Quantas horas trabalhará o sr. alguém?

Quando não exigiria ele se quando estivesse descansando o fossem chamar para limpar o alojamento que habita?

Porventura não terão os marinheiros, joguinhos ou criados o direito de extraordinários depois de terem terminado o seu horário, bastante exagerado?

O sr. alguém, que citou tantos exemplos da marinha inglesa, esqueceu-se

de citar que os fogueiros, marinheiros e criados, tem um «Mess-boy» para tratar das limpezas dos seus alojamentos, portanto, não o havendo nos navios portugueses, é justo que esse trabalho seja pago desde que seja feito fora das horas de serviço.

Esse alguém esqueceu-se de citar também que a marinha estrangeira não se pode comparar com a portuguesa no respeitante a higiene, pois que na estrangeira existem sala de refeitório, casa de banho, etc., o que a portuguesa tem transformado em camarotes — não se importando com a higiene das suas tripulações — para mais lucros conseguirem.

Diz o sr. alguém que o fogueiro trabalha 10 dias por mês e recebe 30 dias. Falso, falsíssimo, o fogueiro tem dois dias de licença por cada mês de viagem em Lisboa trabalha 48 horas por semana como qualquer outro trabalhador. Quem tem dois dias de folga por cada 24 horas de serviço é o azelador e o vigia, mas tem que estar toda a noite alerta.

E chama a isto privilégio esse alguém!

Eu gostava de saber quem são os proletários, manuais ou intelectuais, que trabalham 3 meses para estarem 4 à espera de trabalho, e 77 horas por semana, quando esse serviço é sujeito a todas as tempestades, fora dos seus lares, com \$830 por dia!

Os delegados de bordo, que o sr. alguém chama verdadeiros «sovietes», não exigem mais do que o cumprimento legal dos contratos firmados entre tripulantes e armadores, o que eles se esqueçam constantemente de cumprir. E para acabar com certas reclamações a bordo, dava um conselho ao sr. alguém: — estabelecer um só prato para toda a guarnição, pois que posso garantir que os tripulantes da proa não consomem por dia a alimentação no valor de 18 escudos por cabeça.

Alguém se alimentará bem à custa dos pequenos, como sempre sucede!

No caso do «Pedro Gomes» o sr. alguém mente descaradamente, pois que os fogueiros não fizeram a greve de braços caídos, mas sim, reduzidas as suas forças, asfixiados pelo calor, sem ventilação e sem água fresca para atenuar a asfixia causada pelos grandes calores tropicais, não podendo empregar mais a sua actividade profissional.

Também o pessoal de convés nunca se recusou a trabalhar na carga nos portos de África, e se se recusassem estariam no seu direito visto que se matriculam de marinheiros e moços e não de estivadores ou descarregadores.

É certo que a lei permite ao capitão escolher a sua tripulação, e é uma das principais causas que tem dado margem a que esses srs. levassem para o mar gente estranha, obedecendo a pedidos, e deixarem em terra os proleis-sionais.

Também é certo que a lei garante a qualquer cidadão matricular-se, se lhe convier; portanto é muito lógico, desde que não lhe convenha seguir para o mar com certas criaturas, recusar-se a tal. Nunca as classes impuseram tripulantes que os oficiais não quizessem a bordo; o que não podemos admitir por princípio algum é que, derivado a grande crise que atravessamos, um homem desembarque hoje e amanhã torne a embarcar porque tem empenhos e outros há meses em terra ficam inibidos de trabalhar pelo facto de não terem quem os proteja.

Os dirigentes do pessoal não são — como esse alguém afirma — tiranos; combatem a tirania à outrance.

Os associados não se subordinam às determinações dos delegados das associações, mas sim os delegados é que se subordinam às deliberações das classes. Que o fique sabendo o senhor alguém!

Sómos pela liberdade máxima, mas não podemos conceber que um homem livre queira preterir centenas de seus semelhantes, e quando alguém aparece a querer-nos trair, nós temos o incontestável direito de não trabalhar com ele, único castigo que lhe aplicamos, o que não sucede no campo onde milita o senhor alguém, que, por lá cá aquela palha, são dias de soldo fora, dias de prisão, etc., etc.

Se as associações obstam a que as transferências do pessoal se deem, é que está providenciado que as mesmas são prejudiciais e não com qualquer outro fim.

Sobre a má vontade, das associações contra um dos oficiais da marinha mercante, não passa de uma «blague» de alguém que bem sabe mentir.

Não estão as associações exercendo

uma acção dissolvente, nem os oficiais com quem mantemos relações amistosas, e que moralmente estão ao nosso lado, se vêem inibidos de manter a disciplina a bordo.

«Ou quer alguém tornar-nos incompatíveis com os oficiais?»

Afirma o alguém que os marítimos estão hoje «escravizados ao poder despótico dos dirigentes associativos, que, por maior desgraça o exercem de maneira desordenada e incapaz de promoverem nem as prosperidades da marinha mercante do comércio, nem sequer o bem estar dos próprios associados».

Isto é o cúmulo das insinuações...

Então os marítimos estão escravizados pelos seus dirigentes associativos, ou estão sendo ludibriados, calunizados e explorados desvirtuadamente pelos armadores?

Alguém poderá — com verdade — afirmar que os marítimos têm obstado ao desenvolvimento da marinha mercante?

Pelo contrário têm contribuído na medida das suas forças, para que a mesma se desenvolva.

O que os marítimos não podem é trabalhar morrendo de fome — como alguém deseja.

O que os marítimos não podem é ser vexados, por criaturas — servindo-se da mentira — que só têm por fim estabelecer a confusão e desvirtuar as causas do seu verdadeiro objectivo.

E fique sabendo o senhor alguém de uma vez para sempre se os marítimos estão em greve não foi o poder despótico dos dirigentes associativos que os levaram para ela, mas sim o poder explorador e calunioso do que o senhor alguém faz parte.

Se não conhece as normas sindicais, fique sabendo que é exatíssimamente assim.

Silvino NORONHA.
Marinheiro sindicalizado

Dispam-se

e vistam-se de novo na casa Donas.

Os fabricantes

Donas, da Covilhã

vendem, directamente ao público,

todas as qualidades de fazendas de lá para

FATOS, SOBRETUDOS,

VESTIDOS e CASACOS

em todos os padrões e cores quasi

por metade do preço.

Depósitos de vendas a retalho:

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A

Gama

GRANDE VARIEDADE

DE

Bilhetes, fracções e cautelas

para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$50 por registro

Fornecer para revender

TELEPHONE 4.020 NORTE

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

Rua Amparo, 51 — Lisboa

SUCATAS

Comprim-se por altos preços cobre,

bronze, metal, chumbo, estanho, tipo

solda e zinco. R. Nova do Carvalho, 18

(junto ao arco pequeno).

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roças,

ócas e maciças, tubos, molas,

chaminés de 2 e 3 peças, tam-

bores. Vendem-se no Largo do

Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco

Pereira Lata. (E a casa que for-

necede em melhores condições).

Os soldados são tratados com os

mesmos disvelos daqueles que os com-

batam algumas horas antes. As mu-

lheres acodem a todos, e se alguma

coisa há que dê largas à confusão, é o

excesso do zelo e o grande número de

oferecimentos.

Muitos guardas municipais e um oficial

de dragões que acompanhava o

coronel de Plouernel, tendo sido feitos

prisioneiros, dividiram-nos por diversas

casas de onde poderiam sair em breve,

disfarçados em paisanos e acompanhados

de braço dado pelos seus antigos

adversários.

A loja do sr. Lebronn está atulhada

de feridos: vê-se um deles estendido

sobre o mostrador, e os outros em

colchões no sobrado.

O fanteiro e o resto da família, ajuda-

dam muitos facultativos do bairro a

pôr o primeiro aparelho nas feridas;

Gildaz distribui água com vinho aos

doentes que se queixam de sede abra-

sadora. Entre estes, ao lado um do

outro, e no mesmo colchão, está o tio

Verdelhão e um sargento da guarda

municipal, soldado velho de bigodes

tan russos como as barbas do tripeiro.

Este, depois de ter pronunciado a

oração fúnebre do fagúlia, tinha rece-

bido, no conflito motivado pelos dra-

gões, uma bala na perna. O sargento

levava com uma bala no espinhaço na

ocasião do primeiro ataque.

— Irá que estou num feixe mumi-

rou o sargento. E que grande sédel

abrasi-me a garganta...

O tio Verdelhão ouviu-o, e vendo

passar Gildaz com uma garrafa de vi-

A BATALHA

NA PROVINCIA ARREDORES

COIMBRA

26 DE OUTUBRO

O problema da habitação — Água e pão por um preço exageradíssimo

Aproxima-se o inverno e com ele a miséria de tantas famílias de proletários: — é que a família trabalhadora desta cidade em breve se há de ver na contingência de habitar na rua, ao frio e ao vento, sem abrigo e sem pão.

A par dos sumptuosos palácios que se constroem nos bairros novos da cidade, casas que se destinam aos pantagruélicos burgueses do comércio, da indústria e da finança, os trabalhadores,

Até que finalmente os poderes constituidos, os pais da pátria, os pseudo-representantes do povo, consubstanciados nessa coisa que mais se parece com uma taberna que com um parlamento, sacudidos por uma ténue rajada de coerência, chamados à realidade das coisas úteis: que é como quem diz ao inevitável cumprimento dos seus deveres que tantas vezes sistematicamente olvidam, pelo clamor unânime e desesperado de milhares de bocas deli-

beraram sair do seu comodíssimo casulo de marfim, da sua muda e glaci-ríssima indiferença pela sorte dos pobres, decretando uma lei atinente a pôr cobro ao desastrosos abuso praticado pelas traineiras no respeitante à pesca da sardinha pelo processo traçoiteiro da dinamite...

Será desta vez materializada a grande e velha e justa aspiração dos pescadores portugueses?.. Vamos a ver... o futuro no-lo dirá.

O governo, é evidente, desviou um pouco da sua atenção para aqueles que de há muito lhes vêm reclamando com a máxima insistência, dentro em breves dias vai sair uma lei que pelo vigor, severidade e imparcialismo da sua doutrina vai certamente deixar verdadeiramente horrorizados todos aqueles que, estando sujeitos à acção fulminadora da mencionada lei, possivelmente hajam desatado a mesma...

Porém, isso não basta... O simples facto da existência dessa lei não quer dizer que os reclamantes doravante tenham decisivamente assegurada a defesa dos seus direitos e o problema da falta de sardinha fôr, se bem que um pouco tardiamente, solucionado satisfatoriamente.

Repetimos o que dissemos em nossa última correspondência: o problema é grave e delicadíssimo e por tanto é necessário que essa lei seja cumprida com escrupulo e rectidão, prevalecendo acima de tudo e de todos de modo que não hajamos de considerar esta lei como todas as outras... meros farrapos de papel que qualquer simples comerciante escarnece e espezinha...

Entretanto lembramos aos interessados que façam por si mesmos quanto puderem, tendo sempre presente no espírito esta grande verdade: O bem estar dos trabalhadores há de ser obra dos mesmos trabalhadores... — C.

Comida caseira

Três refeições com abundância e assado. Experimentem uma semana que ficarão satisfeitos.

Beco dos Birbantes, 33.

LIMAS

As melhores são as de «União» — Tome Feteiras, Vieira de Leiria, Pedra em todas as lojas de ferragens e ferramentas.

preços e também por as melhores inglesas.

Exposição de crisantemos

Num dos primeiros dias do próximo mês de Novembro, inaugura-se no edifício dos Paços do Concelho uma exposição de crisantemos criados nos jardins e viveiros municipais.

COIMBRA — São Antonio dos Olivais

aqueles que tudo produzem, únicos escravos da sociedade aviltante a má em que vivemos — permanecem numa situação mil vezes odiada, cheios de miséria e sofrimento.

Casas baratas, limpas e higiénicas, que possam servir de agasalho e conforto a aqueles que vítimas da desigualdade social são obrigados a viver em sotãos imundos, — é coisa que jamais aparecerá, porque, os srs. construtores apenas pensam na edificação de ricos palácios, onde o burguês-parasita, goza de antemão o sacrifício dos seus escravos...

Está o pobre trabalhador infelizmente condenado a morar nessas miseráveis barracas já destelhadas e que ameaçam ruína; ou a viver nas caves nojentas, sem ar e sem luz, numa promiscuidade de horror; nos chãos térreos e infectos desses buracos que topamos a todos os cantos nas ruas da cidade baixa...

A cidade, que às primeiras chuvas já não apresenta as suas ruas num estado de acido que repugna, breve, se continuará chovendo, como é natural, será intransitável: esperemos também que o Mondego com as enchentes provoque as cheias pelas ruas, e teremos a grande miséria — as caves inundadas os pequenos e acanhadíssimos cubículos onde os proletários deixam a sua saúde, desfeitos num sopor, arrastando na sua varoa carreira os pequenos entes que lá habitam...

Para complemento desta obra de miséria — que já antevíamos, temos também a juntar o preço exageradíssimo da água e do pão, a primeira indispensável à limpeza e higiene e o segundo ao sustento de todos os seres.

Enquanto as raras casas que aparecem, e que custam 20 e mais escudos mensais, dificilmente se alugam para viver, pois na sua maior parte destinam-se a armazéns, a água e o pão custam um preço tal que o trabalhador ganhando em média 7 a 9 escudos, já mais poderá enfrentar tal difícil situação económica.

Assim, nesta situação apertadíssima, qual «bêco sem saída» aligera-se nos que toda a família proletária se devia unir fortemente e opor uma barreira forte à ganância desmedida e escarneo que a sociedade burguesa lhe faz.

Que essa união se faça, mas fora de toda a política, porque fartos de «balcanhar a patata» já todos nós estamos — C.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor fiação e que tem maior duração.

Dizia 50 centavos (custado com as imitações)

Venda aos centos e aos milhetinhos, assim como isqueiros, rodadas, tubos, pipos e tambores, aos melhores preços para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

PRAIA DA NAZARÉ

26 DE OUTUBRO

Um decreto eficaz e sério ou um simples paliativo?

Até que finalmente os poderes constituidos, os pais da pátria, os pseudo-representantes do povo, consubstanciados nessa coisa que mais se parece com uma taberna que com um parlamento, sacudidos por uma ténue rajada de coerência, chamados à realidade das coisas úteis: que é como quem diz ao inevitável cumprimento dos seus deveres que tantas vezes sistematicamente olvidam, pelo clamor unânime e desesperado de milhares de bocas deli-

beraram sair do seu comodíssimo casulo de marfim, da sua muda e glaci-ríssima indiferença pela sorte dos pobres, decretando uma lei atinente a pôr cobro ao desastrosos abuso praticado pelas traineiras no respeitante à pesca da sardinha pelo processo traçoiteiro da dinamite...

Será desta vez materializada a grande e velha e justa aspiração dos pescadores portugueses?.. Vamos a ver... o futuro no-lo dirá.

O governo, é evidente, desviou um pouco da sua atenção para aqueles que de há muito lhes vêm reclamando com a máxima insistência, dentro em breves dias vai sair uma lei que pelo vigor, severidade e imparcialismo da sua doutrina vai certamente deixar verdadeiramente horrorizados todos aqueles que, estando sujeitos à acção fulminadora da mencionada lei, possivelmente hajam desatado a mesma...

Porém, isso não basta... O simples facto da existência dessa lei não quer dizer que os reclamantes doravante tenham decisivamente assegurada a defesa dos seus direitos e o problema da falta de sardinha fôr, se bem que um pouco tardiamente, solucionado satisfatoriamente.

Repetimos o que dissemos em nossa última correspondência: o problema é grave e delicadíssimo e por tanto é necessário que essa lei seja cumprida com escrupulo e rectidão, prevalecendo acima de tudo e de todos de modo que não hajamos de considerar esta lei como todas as outras... meros farrapos de papel que qualquer simples comerciante escarnece e espezinha...

Entretanto lembramos aos interessados que façam por si mesmos quanto puderem, tendo sempre presente no espírito esta grande verdade: O bem estar dos trabalhadores há de ser obra dos mesmos trabalhadores... — C.

Comida caseira

Três refeições com abundância e assado. Experimentem uma semana que ficarão satisfeitos.

Beco dos Birbantes, 33.

LIMAS

As melhores são as de «União» — Tome Feteiras, Vieira de Leiria, Pedra em todas as lojas de ferragens e ferramentas.

preços e também por as melhores inglesas.

Exposição de crisantemos

Num dos primeiros dias do próximo mês de Novembro, inaugura-se no edifício dos Paços do Concelho uma exposição de crisantemos criados nos jardins e viveiros municipais.

COIMBRA — São Antonio dos Olivais

aqueles que tudo produzem, únicos escravos da sociedade aviltante a má em que vivemos — permanecem numa situação mil vezes odiada, cheios de miséria e sofrimento.

Casas baratas, limpas e higiénicas, que possam servir de agasalho e conforto a aqueles que vítimas da desigualdade social são obrigados a viver em sotãos imundos, — é coisa que jamais aparecerá, porque, os srs. construtores apenas pensam na edificação de ricos palácios, onde o burguês-parasita, goza de antemão o sacrifício dos seus escravos...

Está o pobre trabalhador infelizmente condenado a morar nessas miseráveis barracas já destelhadas e que ameaçam ruína; ou a viver nas caves nojentas, sem ar e sem luz, numa promiscuidade de horror; nos chãos térreos e infectos desses buracos que topamos a todos os cantos nas ruas da cidade baixa...

A cidade, que às primeiras chuvas já não apresenta as suas ruas num estado de acido que repugna, breve, se continuará chovendo, como é natural, será intransitável: esperemos também que o Mondego com

